

O espaço sala de aula e sua organização como elemento constituidor/potencializador das aprendizagens na Educação Infantil

Micheli Macedo Braz¹ | Carla Tatiana Moreira do Amaral Silveira²

Resumo

O presente estudo identifica, discute e analisa aspectos relacionados à Educação Infantil, em especial sobre como se dá a organização dos espaços de salas de aula em duas instituições educativas infantis de um município do Vale do Paranhana. A investigação consiste em uma pesquisa de caráter qualitativo e se dá a partir de revisões do referencial teórico em que se utilizam os estudos de autores como Forneiro (1998), Freire (2000), Oliveira (2002), Horn (2004), entre outros referenciados nos capítulos da pesquisa e dados obtidos por meio de pesquisa de campo, realizada com docentes que atuam na Educação Infantil. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram uma entrevista semiestruturada e observações das aulas, realizadas com cada sujeito de pesquisa. Os resultados revelam que, a partir da organização de sala de aula, na Educação Infantil, ou seja, dos arranjos espaciais, possibilita-se às crianças que façam, desde cedo, suas próprias escolhas, o que contribui no desenvolvimento da autonomia. O estudo, por fim, enfatiza que, interagindo com seus pares e exercitando a ludicidade, as crianças se sentem convidadas a explorar esse espaço estimulador e propulsor de aprendizagem e desenvolvimento, baseado nas relações significativas entre adultos e crianças, no ambiente da escola infantil.

Palavras-chave: Organização. Espaços. Sala de aula. Educação Infantil. Aprendizagem.

Abstract

This study identifies, discusses and analyzes issues related to Early Childhood Education, especially on how is the organization of classrooms of two children's educational institutions in a city on Vale do Paranhana. The study consists of a qualitative research and it starts from reviews of the theoretical framework of authors such as Forneiro (1998), Freire (2000), Oliveira (2002), Horn (2004), among others referenced in the study's chapters and also data obtained through field research conducted with teachers who work with Early Childhood Education. The instruments used for data collection were one se-

¹ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS.
michelimb@hotmail.com

² Professora orientadora. Faculdades Integradas de Taquara - FaccatRS.
prof.carlasilveira@yahoo.com.br

mistructured interview and classes observations, conducted with each research subject. The results show that, from the organization of the classroom in kindergarten, its spatial arrangements, allows children to make their own choices, which contributes to the development of autonomy. The study ultimately emphasizes that, interacting with peers and exercising playfulness, children feel invited to explore this stimulating and propellant of learning and development space, based on meaningful relationships between adults and children in preschool environment.

Keywords: Organization. Spaces. Classroom. Early Childhood Education. Learning.

1 Considerações iniciais

A partir das vivências e aprendizagens realizadas em práticas profissionais em relação à organização dos espaços em sala de aula, percebeu-se a necessidade de mudanças relacionadas a atitudes e ações dos docentes e profissionais que atuam com a educação da primeira infância, ampliando, assim, a visão acerca da Educação Infantil. Dessa forma, o interesse da pesquisadora em investigar um tema próximo de seu contexto foi um fator determinante na realização da pesquisa, ressaltando o espaço como parte da identidade da escola, sendo esse composto por um conjunto de conhecimentos e práticas aplicadas nas salas de aulas. Nessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo é refletir e destacar, metodologicamente, a partir de bases teóricas, que a sala de aula se constitui como um espaço pedagógico. A partir desses apontamentos, busca-se, também, conhecer a realidade das escolas de Educação Infantil. Para isso, optou-se por realizar entrevistas e observações com docentes que atuam nessa etapa da Educação Básica em duas escolas públicas de um município do Vale do Paranhana.

Percebe-se que, atualmente, a educação vem sendo ressignificada e ganha novos rumos. Frente a todas essas transformações, a Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre a educação de crianças em espaços coletivos, a partir da seleção e do fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens. A criança passa a ser vista com importância, considerando que cuidar e educar configuram os pressupostos essenciais dessa trajetória.

Levando em consideração todos esses apontamentos que fazem parte do cotidiano das ações educativas desenvolvidas na Educação Infantil, também se busca, com o presente estudo, analisar como se configuram os arranjos espaciais nas salas de aula de instituições de Educação Infantil.

Assim, entende-se como se dá a organização e a interação dos sujeitos envolvidos nesse processo, destacando esse espaço como constituidor/potencializador das aprendizagens.

2 A criança e a constituição de sua identidade na infância

A criança se caracteriza pela diferenciação de um sujeito em tamanho e idade, pois ainda está em processo de desenvolvimento em relação ao adulto. Não que o adul-

to não continue se desenvolvendo, mas a criança passa, durante a infância, por um processo de crescimento físico, pessoal e subjetivo bastante significativo em sua vida. “As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (BRASIL, 1998, p. 21). A designação “criança”, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, significa:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações ou práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

No entanto, a criança nem sempre foi vista dessa forma e respeitada como sujeito. Ao longo da história, é possível verificar diversas conotações e atribuições depreciativas que ser criança implicava. Por muitos séculos, a criança foi vista como um ser sem importância, por isso a sociedade fingia não enxergá-la. Até a Idade Média, a criança era considerada um adulto em miniatura.

Ainda nesse período, observa-se que não havia nenhuma preocupação com a infância e as especificidades infantis, o que, em seguida, na Idade Moderna, passou a ser objeto de interesse e estudos. A partir da Idade Moderna, surgiu, então, um novo olhar acerca da criança, de sua educação e das instituições infantis. Frabboni (1998, p. 66) aponta que: “O retrato da criança modifica-se. Descobre-se o outro lado da moeda: a infância da ‘periferia’ irrompe com o seu ímpeto as áreas ‘centrais’ do interesse do mundo adulto”.

Mais tarde, no final do século XVIII e início do século XIX, um novo tempo histórico surge, a Idade Contemporânea, e a criança passa a fazer parte do cenário social. A partir daí, em decorrência do capitalismo, a família passa por modificações que incluíram a criação de um espaço fora do lar que tivesse como propósito os cuidados das crianças, devido à inserção da mulher/mãe no mercado de trabalho. Assim, surgiram as creches e os abrigos.

No Brasil, os cuidados relativos às crianças pequenas surgiram sobretudo em virtude da preocupação relacionada ao alto índice de mortalidade infantil. A atenção às crianças voltava-se com o intuito de suprir as lacunas decorrentes do abandono e da pobreza, fortemente baseada em uma concepção de caridade e favor. Oliveira (2002) ressalta também que as reivindicações a fim de se ter instituições para fins de educação infantil teve mais enfoque quando a classe média procurava alternativas para a educação de seus filhos.

A partir da Constituição Brasileira de 1988, a educação escolar da criança pequena passou a ser não mais privilégio de poucos, mas direito de todos, tendo o Estado o dever de cumprir isso no sistema de ensino. “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV Educação Infantil em creche e pré-escola, às crianças de até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 1988, artigo 208). Já na década de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº. 9.394/96 passa a ser um marco histórico na educação brasileira. É a partir dessa lei que a Educação Infantil recebe notoriedade e valorização.

Tendo respaldo legal, a Educação Infantil brasileira fixa os alicerces para uma tra-

jetória que visa à qualidade educacional da infância, identificando a criança como sujeito de direitos. Todas as modificações ocorridas fazem parte de um percurso em sua totalidade, tanto de cunho histórico quanto social.

O paradigma atual da educação como direito da criança propõe essa nova perspectiva em torno da criança e sua infância nas instituições educativas infantis. Desse modo, todos os caminhos que fazem parte e passam a ser importantes nesta trajetória precisam ser conhecidos e analisados.

3 Concepção de aprendizagem: um olhar para a criança e suas múltiplas linguagens

Ser reconhecida como sujeito em seu conjunto de relações e contar com um lugar próprio que priorize e venha contribuir em seu desenvolvimento traz ao cenário atual a conquista da Educação Infantil como parceira da criança. Mas como pensar em uma concepção de aprendizagem que leve em consideração todo esse processo?

Diante desse questionamento, entra em foco a necessidade de uma proposta educativa que embase e coloque em prática as diferentes dimensões do processo de ensino e aprendizagem. Ora, este é o objetivo da concepção sociointeracionista. Nessa concepção, a criança é considerada um ser ativo que aprende e se desenvolve a partir do meio e das interações realizadas com os outros. Estudiosos como Henri Wallon (*apud GALVÃO, 2005*) e Lev Vygotsky (*apud MACHADO, 2010*), mentores intelectuais de tal concepção, defendem o meio como propulsor das aprendizagens.

A Educação Infantil é o ambiente fora do contexto familiar em que a criança tem um de seus meios de interações e, conseqüentemente, a partir desse meio, irá aprender e desenvolver-se. Ao interagir, a criança coloca em destaque seus conhecimentos habituais que, na troca com outros indivíduos, se ampliam e enriquecem, configurando, assim, um processo em que ela partilha o que sabe e aprende o que até então era desconhecido e que, na interação com os outros, passa a fazer parte de seu universo de conhecimentos.

Desse modo, referindo-se novamente ao estudioso Vygotsky, para Machado (2010), apresentam-se dois conceitos imprescindíveis para entender como se configura o processo de interação: a “zona de desenvolvimento real” e a “zona de desenvolvimento proximal”. Entende-se que a zona de desenvolvimento real corresponde àquilo que o indivíduo é capaz de realizar sozinho; já a zona de desenvolvimento proximal corresponde à ação mediante a interação do indivíduo com seus pares ou parceiros mais experientes. Na construção do conhecimento, a zona de desenvolvimento proximal é a ligação necessária para que a criança amplie e siga em sua aprendizagem. Na sala de aula de instituições educativas infantis, os parceiros experientes da criança são seus colegas e seu (sua) professor(a). Nos estudos de Junqueira Filho (2011), a Educação Infantil corresponde ao espaço e ao tempo das aprendizagens, em que as relações entre professor e alunos são intermediadas pelo mundo.

Na relação com outros sujeitos, a criança aprende muito mais porque está em contato com todo o mundo a sua volta. Afinal, é necessário levar em consideração que esse mundo possui diferentes maneiras de aprender novos conhecimentos. Por conseguinte, o trabalho em instituições educativas infantis deve ser permeado pela diversi-

dade de linguagens que fazem parte do mundo infantil. Cada linguagem diferente gera diferentes conhecimentos e aprendizagens, sendo necessária a compreensão de seu entendimento tanto pelas crianças, quanto pelos professores. Pactuando com essa proposição, ressalta-se que linguagens diferentes devem aliar-se à estruturação de diferentes espaços em sala de aula.

4 O espaço e sua organização como fator que constitui e potencializa as aprendizagens

A fim de procurar compreender como as questões relativas ao espaço são objetos de reflexão atualmente, é preciso considerar que diferentes práticas já haviam sido e vêm sendo realizadas tendo em vista a importância desse aspecto ao se trabalhar com crianças na Educação Infantil.

Dessa forma, a partir de um breve histórico de concepções teóricas sobre a infância desenvolvidas a partir do século XIX, apresentar-se-ão as ligações entre diferentes estudiosos de ontem e de hoje, os quais têm como objetivo comum a apropriação da aprendizagem pela criança através das relações e interações com o espaço.

4.1 O resgate de contribuições teóricas no processo de organização dos espaços pedagógicos

Friedrich Froebel (1782–1852), filósofo e educador alemão, foi um dos primeiros estudiosos a definir um modelo de educação voltado para as crianças pequenas. Foi o criador dos “Kindergarten”, nomenclatura alemã que significa “Jardim de Infância”. Para ele, as crianças eram consideradas sementes que precisariam de cuidados e um ambiente favorável, no qual aprenderiam naturalmente e de maneira livre.

Froebel defendia a escola de seu tempo como um lugar onde as crianças tivessem o mais próximo da natureza, tendo contato com animais e plantas. Dessa forma, as escolas eram compostas por espaços internos e externos, em que se valorizava o brincar enquanto capacidade criadora. A partir da perspectiva apresentada pelo educador alemão, sua pedagogia ganhou o mundo.

No início do século XX, a médica e professora italiana Maria Montessori (1870–1952) desenvolveu uma metodologia na qual defendia o ambiente como necessário à prática da liberdade e autonomia infantil. A partir de sua organização, seria propiciado à criança o prosseguimento de sua aprendizagem. O método de Montessori aponta o ambiente como estimulante e motivador, no qual o professor tem o papel de observar e procurar incentivar o desenvolvimento da criança.

Montessori via a criança como um ser que se autoconstrói e que, agindo por si própria, adquire conhecimentos e realiza aprendizagens significativas. Para que esse processo se dê de maneira eficiente, é necessário que, na sala de aula, existam diferentes materiais para que a criança se autoeduque por meio do exercício dos sentidos. Dessa forma, a sala de aula Montessoriana funciona como um grande laboratório de aprendizagem.

Mesmo sendo visto como um diferencial quando foi criado e proposto por Montessori há mais de 100 anos, atualmente essa forma de ensino-aprendizagem ainda cau-

sa surpresa em alguns educadores. É preciso considerar que Montessori acreditava no meio como desafiador ativo da criança, no qual o professor seria apenas um coadjuvante. No entanto, já demonstrava preocupação em estimular desde cedo o protagonismo infantil.

Outro importante professor que contribuiu de maneira significativa, trazendo novas perspectivas para a educação, foi o francês Célestin Freinet (1896–1966). Freinet defendia uma escola voltada para a transformação social, com uma proposta metodológica baseada na cooperação, afetividade, comunicação e motivação.

Entre os princípios básicos de sua proposta, encontram-se o contato com a natureza. Dentre diversas técnicas que criou, Freinet trouxe para a escola a aula-passeio, a partir da qual seria possível ampliar as aprendizagens a partir das experiências e descobertas das crianças em contato com o objeto de estudo fora do ambiente da sala de aula.

Como um visionário para a época, Freinet contestava as normas rígidas da escola de seu tempo. Entre seus questionamentos, estavam o ordenamento dos alunos através de fila, horários fixos e organização das classes. Por acreditar em uma forma de aprendizagem que se dá por meio da ajuda entre os indivíduos, baseados na cooperação, e também por meio do próprio interesse do aprendiz, Freinet traz em sua proposta a organização da escola a partir de oficinas ou cantos. Sua proposta é ativa e está sempre em construção, pois valoriza o aluno e propõe também mudanças no processo educativo.

Outras experiências de grande contribuição na educação, principalmente relacionadas à Educação Infantil, tiveram influências do professor italiano Loris Malaguzzi (1920–1994). Malaguzzi foi o criador de uma nova proposta educativa aplicada inicialmente em Reggio Emilia, cidade italiana fortemente abalada pela guerra no início do século XX. Tendo como foco principal os direitos das crianças, o professor italiano fez surgir uma educação inovadora que, aos poucos, começou a ser difundida no mundo inteiro, a qual ressalta que as crianças possuem cem linguagens.

Essas linguagens precisam ser valorizadas e estimuladas. Para isso, a escola deve trabalhar na perspectiva de que o espaço é um elemento essencial da abordagem educativa, que tem como parceiros não só as crianças e seus professores, mas também os pais e a comunidade escolar.

Malaguzzi (1999) defende que uma escola deve ser um organismo vivo, em que se possibilitem relacionamentos compartilhados entre adultos e crianças, contribuindo para a promoção de um ambiente amistoso e acolhedor em que alunos, professores e famílias sintam-se confortáveis.

Qualquer observador que visite uma das escolas de Reggio Emilia poderá constatar que todos os espaços das instituições são preparados com atenção e com a preocupação de possibilitar um ambiente organizado, desafiador e atraente. Dessa forma, é possível proporcionar à criança e a seu grupo oportunidades para agirem e aprenderem juntos a partir das interações, escolhas e atitudes.

Atualmente, a abordagem criada por Loris Malaguzzi vem conquistando novos admiradores, os quais se identificam e acreditam nessa proposta educativa que valoriza as crianças em suas particularidades, potencialidades e, principalmente, respeitam-nas como sujeitos.

4.2 O enfoque educacional dos espaços: uma perspectiva atual

É notável que, na Educação Infantil, as crianças que frequentam as escolas têm a sala de aula como espaço habitado por elas em grande parte de seu dia a dia. Além disso, a perspectiva atual da infância, como já se referiu anteriormente, aponta com relevância a constituição da criança como sujeito de direitos. Pensando no “espaço sala de aula”, nessas perspectivas, apresentam-se os seguintes questionamentos: A criança está tendo o direito de viver nesse espaço como criança? Como esse espaço pode se tornar um ambiente acolhedor e que ao mesmo tempo estimule as mais variadas aprendizagens? A partir desses levantamentos, é que se torna possível apontar que a organização interna da sala de aula é um dos fatores que podem intensificar o desenvolvimento integral infantil.

Destaca-se que é importante ter clara a diferenciação entre espaço e ambiente. Quanto a isso, Forneiro (1998) esclarece que espaço e ambiente são conceitos diferentes, mas que estão intimamente relacionados. O espaço se caracteriza pelo mobiliário, materiais e objetos, ou seja, o aspecto físico. Já o ambiente é um todo indissociável, o qual envolve o espaço físico e as relações estabelecidas nele. O desafio que se apresenta, então, é definir o espaço sala de aula e sua organização como uma das possibilidades do desenvolvimento infantil. Mesmo que o termo utilizado seja “espaço”, o ambiente está, de forma implícita, envolvendo todo esse contexto.

Não há como não pensar nesse espaço como espaço de vida se, durante grande parte da infância, as crianças nele permanecem e estão, ao mesmo, tempo se constituindo como pessoas, aprendendo e se conhecendo, convivendo com outros indivíduos, realizando parcerias e trocas. É um espaço de vida em que o tempo se apresenta como coparticipante e corresponde ao período em que o sujeito criança realizará sua caminhada de aprendizagens. Consequentemente, esse sujeito e esse espaço precisam passar por mudanças, tanto de ordem física quanto subjetiva, na relação pessoal e dimensional, as quais fazem parte do processo e que ocorrem concomitantemente ao paradigma histórico e social vivenciado na infância.

Para que o “espaço sala de aula” torne-se um ambiente de aprendizagem, ele precisa ser característico dos sujeitos que dele fazem parte e ampliar e promover as relações humanas entre o meio e a vida social da criança com os outros indivíduos, mediados pela ação do ambiente, com o intuito de intensificar a aprendizagem e o desenvolvimento. “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções” (HORN, 2004, p. 28). A organização de sala de aula, tendo como foco a criança, suas características, relações e interações, é um dos fatores imprescindíveis para o seu desenvolvimento, que vem ao encontro dessa proposição.

Pensar a organização do espaço faz-se necessário, pois é parte da prática pedagógica existente em sala de aula, sendo um elemento que se insere no currículo. Não há como estar em uma sala de aula e ficar indiferente frente ao espaço que a circunda. É um aspecto inerente aos indivíduos que estão ali. Portanto, assim como tantos outros pontos de vista que são indispensáveis na Educação Infantil, o espaço e sua organização deve ser um elemento que faça parte da proposta educativa e que seja constante a re-

flexão sobre sua importância.

Carvalho e Rubiano (2010) apresentam estudos a respeito da criação de “zonas circunscritas” dentro da sala de aula. Essas zonas são espaços caracterizados pela delimitação em pelo menos três lados, em que são utilizados mobiliários ou a própria parede, criando-se, assim, um território fechado. É a característica da divisão em sala de aula através de arranjos espaciais. Diferentes autores utilizam outras nomenclaturas para designar essa estruturação, como “cantos temáticos”, “cenários estimulantes”, “espaços lúdicos”, entre outros. O importante é considerar a criação desses espaços como parte da proposta educativa, tendo a criança como centro desse planejamento. Entre todas essas possibilidades, faz-se a opção pelo termo “arranjo espacial³”, por considerar esse conceito mais condizente com a realidade.

Outro importante fator refere-se às constantes modificações pelas quais o espaço necessita passar. Essas mudanças devem refletir sobre os interesses do grupo de crianças. Se determinado arranjo espacial foi organizado e nota-se que as crianças demonstram pouco interesse ao frequentá-lo, o professor, ao observar, irá atentar-se para o fato de que a organização daquele espaço precisa ser revista e modificada. Isso vai constituindo uma incessante transformação que é primordial ao se falar do espaço, pois ele sempre estará se renovando de acordo com o desenvolvimento das ações vivenciadas e com a interação dos sujeitos.

Portanto, não há como pensar em um espaço estruturado de maneira estanque, que seja fixo e permanente durante um longo período de tempo. A sala de aula e os sujeitos que convivem no espaço estão se modificando, compondo um processo de mudanças tanto em relação aos indivíduos quanto ao meio em que estão inseridos.

5 A “nossa sala de aula” - relações participativas entre professor e aluno nesse espaço

A maneira como se estrutura e como é organizada “diz” muito sobre a importância da sala de aula. De forma implícita, é possível perceber as crenças, valores e atitudes que tal espaço evoca e remete aos que dele fazem parte. Freire (2000) descreve que o espaço é o retrato da ação pedagógica e nele são registradas as descobertas, crescimentos e dúvidas, tudo isso através da ação concreta de sua arrumação e disponibilização ou não dos materiais, móveis e brinquedos. A partir dessa análise, pode-se evidenciar como ocorrem as relações entre criança-criança, criança-adulto e criança-espaço e se a criança, sujeito em questão, é considerada como o foco central dessa perspectiva.

Muitas vezes, a criança e seu processo de desenvolvimento e aprendizagens não são levados em consideração, pois a sala de aula é organizada de acordo com aquilo que o educador acredita ser o necessário para a turma pela qual é responsável. Torna-se imprescindível para tal destacar o respeito a uma concepção de infância e de aprendizagem que contemplem a participação da criança. Sendo ela o centro do planejamento curricular, a criança precisa participar da organização de sua sala de aula e, além disso, ser reconhecida pelo professor como sujeito atuante, um ser ativo que é capaz de de-

³ A nomenclatura “Arranjo espacial” faz referência à citação de Legendre (apud MENEGUINI; CARVALHO, 2003), que utiliza esse termo para denominar a maneira como móveis e equipamentos existentes em um local estão posicionados entre si.

monstrar o potencial que possui.

Uma proposta educativa que está alicerçada na criança, considerada sujeito de direitos, deixa claro que a autonomia está presente nesse processo. O espaço frequentado por crianças precisa proporcionar a confiança necessária para que elas se sintam seguras, entusiasmadas e como parte integrante desse espaço, podendo desfrutar de uma infância saudável e prazerosa na Educação Infantil. Além disso, deve-se proporcionar a convivência entre adultos e crianças, oportunizando situações em que ambos exerçam uma relação baseada no respeito e na autonomia, reconhecendo-se um ao outro como parte integrante da educação escolar.

De início, pode causar até certa “estranheza” a necessidade de repensar a organização de sala de aula. Em muitos casos, isso se deve ao fato de o professor ter consigo uma postura enraizada, que, muitas vezes, demonstra a dificuldade em encarar aquilo que é desconhecido. “Introduzir mudanças significa romper com o habitual e submergir na incerteza das coisas novas” (FORNEIRO, 1998, p. 254). No entanto, o professor deve ter claro que esses processos que envolvem a reavaliação das práticas docentes fazem parte da função educativa e precisam estar, o tempo todo, sendo objeto de reflexão. Quando o professor “enxerga” seu aluno como o centro dessas reflexões, entende que, no espaço sala de aula, as relações existentes entre ambos nesse ambiente precisam evidenciar trocas, contemplar interesses comuns e opostos, que só no diálogo e na convivência entram em equilíbrio. Junqueira Filho (2011, p. 54) evidencia, com clareza e de forma interessante, como isso ocorre, pois, para ele,

Professores e alunos são uma dupla forte, um par dinâmico que pode muito na vida de cada um deles, na vida da escola, na vida da família, na vida do planeta e de tudo que está em volta deles. Mas, para isso, têm de estar atentos a si e um ao outro; têm de aprender a ler o seu próprio jeito – em constante produção – e o jeito do outro – também em produção contínua. E quanto mais perto chegam um do outro, mais conhecem sobre si, sobre o outro, sobre conhecer, sobre conviver, sobre parceria, sobre o mundo.

A sala de aula, como fica evidente, é um espaço de vida, em que professor e aluno estão em um constante conhecer sobre si mesmo e sobre o outro. Nesse espaço, eles são parceiros, cúmplices e mediadores. Não há escola se um desses sujeitos não existir, pois a importância de ambos configura o caráter pedagógico do espaço escolar.

6 O lúdico e sua relevância na educação infantil: um convite ao brincar a partir da proposta dos arranjos espaciais

O lúdico começa a fazer parte da vida do ser humano desde a mais tenra idade, permanecendo por todas as demais etapas. Até na condição de adultos se brinca, no entanto é na infância que a importância do lúdico se destaca. Brincar é algo que perpassa e está intimamente ligado a esse período, pois sempre, de alguma forma, as crianças estão realizando interações lúdicas, as quais envolvem brinquedos, brincadeiras e jogos. Em outras palavras, poderia se dizer que o lúdico é o parceiro da criança em sua infância. Mas qual seria o papel que o lúdico desempenha na Educação Infantil? Ora, imediatamente, o lúdico é o propulsor de novos e ricos conhecimentos.

A criança, mesmo pequena, sabe muitas coisas: toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra, em seus gestos, em um olhar, uma palavra, como é capaz de compreender o mundo. Entre as coisas de que a criança gosta está o brincar, que é um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário (KISHIMOTO, 2010⁴).

O brincar permite que, de maneira espontânea, a criança exprima sua visão em relação ao mundo que a circunda, expressando, a partir dessa manifestação, suas alegrias, angústias, dúvidas, certezas, enfim, suas vivências infantis e também relativas ao mundo dos adultos. Para pensar e estruturar o espaço, é necessário destacar o caráter lúdico que o envolve, é preciso que se entenda que o brincar na Educação Infantil é algo que está junto do trabalho pedagógico, portanto indissociável da tarefa educativa. Ao se propor uma organização de sala de aula a partir de arranjos espaciais, tem-se claro que o lúdico está implícito nessa estruturação, pois a criança só aprende brincando e, portanto, irá aprender nos espaços que colaboram e intensificam sua aprendizagem e desenvolvimento.

Um espaço pode ser por si só estimulante e desafiador. No entanto, Horn (2004) esclarece que, em um ambiente onde não existam esses fatores e onde as crianças não podem interagir, desde a tenra idade, com seus pares, com os adultos e com objetos e materiais diversos, o processo de desenvolvimento não ocorrerá em sua plenitude.

A partir de seu crescimento físico e das relações e interações que vai estabelecendo com outras crianças e adultos, a criança vai avançando em seu modo de entender e vivenciar as ações que acontecem em seu contexto. Por volta do segundo ano de vida (considerando que não há uma regra fixa, mas que depende do desenvolvimento de cada criança), começa a surgir o interesse infantil pelas brincadeiras em que a criança é capaz de imitar e representar as experiências que lhe chamam atenção. Tais situações são apresentadas pelas crianças como forma de elas próprias manifestarem suas ideias em relação ao que observam a sua volta, mas de maneira que seja possível transitar entre o mundo real e fictício, utilizando como plano de ação o faz de conta.

Nas situações de faz de conta por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras, a criança age na fantasia, ao explorar situações reais, transportando-as para o mundo imaginário. É uma maneira de fazer algo imaginando que tal situação é real, verdadeira. Isso é um dos aspectos privilegiados nas brincadeiras de faz de conta, às quais as crianças atribuem, mesmo sem saber, uma significância do caráter lúdico.

As crianças que utilizam o “faz de conta” como forma de representação necessitam de espaços que contemplem essas brincadeiras. Quando as crianças interagem nos arranjos espaciais tendo a oportunidade de criarem seus enredos, escolherem seus parceiros e vivenciarem situações lúdicas de “faz de conta”, possibilita-se que elas manifestem o que é habitual e espontâneo, expressando naturalmente a sua forma de brincar. É importante considerar também que se pode criar um arranjo espacial baseado em um projeto desenvolvido em sala de aula, contribuindo para o enrique-

⁴ Referência de citação direta online sem indicação de página. Acesso em: 25 jul. 2013.

cimento daquilo que é novo para as crianças e que, portanto, passa a ser conhecido e, consequentemente, torna-se parte integrante da identidade daquela sala de aula e daquela turma.

Quando a criança ocupa e age ativamente no espaço, também é possível observar o que mais lhe desperta interesse. Ela dá pistas sobre o que gosta de fazer. Assim, a partir das observações que realiza, o professor deve procurar modificar sempre que possível o espaço com o intuito de instigar desafios e estimular seu grupo de alunos. Logo que o aluno entra em um espaço preparado para ele e que o convida – mesmo que implicitamente – a explorá-lo, ele se torna um ser ativo naquele contexto. Dessa forma, entende-se que o lúdico está no cotidiano da Educação Infantil em todos os momentos. Quando se defende uma proposta que contempla os arranjos espaciais, fica evidente que esses arranjos, além de promoverem inúmeras aprendizagens de acordo com as diferentes linguagens, também terão o aspecto lúdico como fator relevante.

7 O conhecimento do cotidiano da organização do espaço de aprendizagens na educação infantil

Visando averiguar como ocorrem as práticas de organização do espaço em salas de aula de instituições de Educação Infantil, empreendeu-se uma coleta de dados com alguns docentes.

Assim, esta seção desdobra-se em dois diferentes momentos: na primeira subseção, expõem-se os aspectos metodológicos da coleta de dados; na segunda subseção, são apresentados e analisados os resultados coletados bem como são realizados alguns cruzamentos com os aspectos teóricos desenvolvidos nas seções anteriores.

7.1 Aspectos metodológicos

A realização do presente estudo fundamenta-se em uma pesquisa de caráter qualitativo, pois se caracteriza por contemplar análises de fatos, observações ou relatos com objetividade a partir de um determinado assunto pesquisado. Dessa forma, com o intuito de identificar, discutir e analisar como a organização dos espaços em sala de aula de instituições educativas infantis atua como uma dentre as várias possibilidades de aprendizagem infantil, a escolha da pesquisa qualitativa se deu por entender que esse estudo visou pesquisar uma questão específica de uma determinada realidade.

O estudo foi realizado em um município do Vale do Paranhana em duas escolas da rede municipal. Participaram da coleta de dados quatro professoras que atuam como docentes na Educação Infantil. Para isso, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa a fim de obter os dados: uma entrevista semiestruturada, composta por seis questões baseadas nas questões norteadoras, e observações das aulas de cada uma das professoras entrevistadas. A escolha da entrevista vem ao encontro do que se busca alcançar ao longo do presente estudo, pois se entende que o pesquisador precisa estar em contato com os sujeitos de pesquisa e próximo da realidade, sendo necessária a investigação de ambos neste processo.

As entrevistas foram realizadas com anotações escritas e gravadas em áudio para

posterior transcrição, e as observações foram registradas em um Diário de Campo. Assim, foram entrevistadas uma professora de Maternal I (turma de dois a três anos), duas professoras de Pré I (turma de quatro a cinco anos) e uma professora de classe multi-idade Maternal II e Pré I (turma de três a cinco anos) e, posteriormente, foram realizadas observações dessas mesmas turmas. Para garantir o sigilo e a privacidade da identidade das professoras entrevistadas, optou-se por nomeá-las através das letras A, B, C e D.

7.2 Os docentes, seus saberes, vivências e formas de conceber/organizar o espaço sala de aula

A infância é considerada a fase mais importante da vida do ser humano, uma vez que nesse período se desenvolvem e se consolidam diferentes habilidades, competências, modos de ser e conviver. Não há como falar e pensar na infância sem levar em consideração o principal sujeito deste contexto: a criança.

Partindo-se da concepção de que a educação, especialmente na Educação Infantil, volta-se para o desenvolvimento integral do educando, a primeira questão proposta para as professoras foca a concepção de criança e infância. Na fala de todas elas está presente a preocupação dos cuidados com a criança, assim como a importância da educação como um todo. A professora A, quanto a isso, afirma: *“Criança é um ser que tem que dar todo carinho e amor, pra ti poder ensinar alguma coisa. [...] quando penso em criança, penso no brincar e no carinho, são essas duas palavras que relacionam com a criança. E a infância tem que ser aproveitada ao máximo, transformar esse brincar na realidade da criança”*.

Atualmente, é preciso considerar a educação da criança de forma abrangente, como entende a professora D: *“A criança está ligada à infância no sentido de uma educação voltada para o brincar e além dos cuidados que devemos ter com a criança também temos que nos preocupar com uma educação que ocorra de forma lúdica e prazerosa”*. Ou, como entende a professora C, *“[...] é onde se constrói a identidade adulta, onde a criança vai aprender o certo e o errado, o limite que cada um tem”*.

Nesse sentido, fica claro que a educação da criança está associada ao caráter lúdico, àquilo que torna o dia a dia na escola infantil mais alegre, divertido e prazeroso para os alunos. Então, além de proporcionar um ambiente agradável, o professor deve ter consciência do quão importante é a sua tarefa.

Por sua vez, a professora B salienta:

Por ser um sujeito que está em desenvolvimento, a gente deve ter todo o cuidado e toda responsabilidade, pois estamos lidando com uma criança menor. E por isso penso que temos que trazer ações pedagógicas e desenvolver um espaço agradável e acolhedor onde as crianças estão inseridas.

Esse modo de pensar e de agir das professoras colabora para que a Educação Infantil seja vista na sua verdadeira importância. Trata-se, pois, não mais do antigo rótulo de um lugar em que as crianças ficam enquanto os pais trabalham, mas um lugar onde aprendem e se desenvolvem, sendo orientadas por profissionais com formação específica, competentes e dedicados para com a infância e seus sujeitos.

O que vem à mente ao se relacionar criança, infância e Educação Infantil é o as-

pecto lúdico que se liga a todos esses conceitos. O brincar faz parte do universo infantil, e essa ação se dá naturalmente, pois as crianças o utilizam como forma de se expressar e de interagir como meio de representar suas vivências e observações do mundo, utilizando a fantasia e a imaginação.

A segunda questão proposta versa a respeito de qual é a relação entre a criança e o lúdico. As professoras entrevistadas se posicionaram destacando que o lúdico tem um papel relevante no desenvolvimento da criança. A educadora C enfatiza: *“O brincar faz a construção do ser”*. Já a docente A aponta que *“[...] não tem como ser criança sem vivenciar o lúdico, faz parte dela porque a criança aprende através do lúdico”*. Dessa forma, evidencia-se que, conforme a professora A relata, a criança e o lúdico se relacionam naturalmente, ou seja, um precisa do outro. A criança utiliza o lúdico como forma de ação. Ele, por outro lado, não tem razão de ser se não existe o sujeito atuante que é a própria criança.

Analisando esses entendimentos, pode-se dizer que o lúdico atua como um potencializador no crescimento físico, intelectual e social da criança, pois, a partir dele, ela aprende a expor seus pontos de vista e a se relacionar com os outros da maneira mais adequada na infância, que é o brincar.

Outro ponto importante quanto à questão em análise, destacado pelas entrevistadas, se refere ao olhar que o professor deve ter para o que interessa à criança, àquilo que lhe dá prazer e lhe chama atenção. O lúdico, nesse contexto, é o foco desta perspectiva, pois a criança utiliza o brincar como seu fazer diário e, conseqüentemente, esse deve ser estimulante e atrativo. Assim afirma a professora B: *“É fundamental que a criança consiga se desenvolver através do lúdico, que é uma forma prazerosa onde ela consegue aprender e se desenvolver no meio em que está inserida”*. Ainda quanto a isso, a professora D destaca que *“[...] tudo que for ensinado a ela tem que ser de uma forma atrativa e prazerosa de acordo com o interesse e realidade dela”*.

Pode-se apontar, assim, que o lúdico é o propulsor das aprendizagens infantis, do desenvolvimento e das relações e interações realizadas entre os sujeitos. Um dos registros feitos durante as observações relata um desses momentos importantes e significativos do brincar infantil.

Na turma de Pré I, com crianças na faixa etária de 4 e 5 anos, todos circulam pela sala e escolhem seus parceiros, os quais se dividem em grupos nas interações lúdicas. Um grupo de quatro meninas interage na mesa com blocos lógicos montando torres e castelos; no espaço denominado “Casinha divertida” três crianças brincam de pai, mãe e o terceiro é o cachorro, eles caminham e percorrem toda a sala se divertindo na algazarra que fazem; em outro cantinho o “Mundo da fantasia” alguns meninos se vestem com roupas e usam sapatos e bonés, gostam de se olharem no espelho e desfilar pela sala com suas fantasias; outros meninos brincam com carrinhos no tapete muito compenetrados em tal situação. Mesmo tendo um som alto das vozes das crianças, elas se entendem e se respeitam, convivendo harmoniosamente naquele espaço... (REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO).

Pelas observações realizadas em cada uma das salas de aula das professoras entrevistadas, percebe-se que a visão tradicional de sala de aula para crianças (aquela em que as mesas ocupam grande parte do espaço, reproduzindo um ambiente de escola de ensino

fundamental e também em que todos os brinquedos ficam fora do alcance das crianças) já não faz parte da realidade das instituições em que se deram as observações. É esse, sem dúvida, o reflexo de uma concepção que privilegia os educandos como participantes ativos do processo educativo e onde o espaço e sua organização são elementos que não passam despercebidos, mas agem de maneira fundamental no processo de crescer/aprender/desenvolver infantil.

Em todas as salas de aula em que se realizaram as observações, constata-se a presença de diversos arranjos espaciais, cada qual com sua particularidade, criando ambientes esteticamente bonitos, alegres e convidativos. Alguns arranjos são comuns em todas as salas de aula, como é o caso da casa de bonecas, onde há móveis que imitam aqueles utilizados em casas de famílias. O espaço destinado à leitura também está presente na maioria das salas, e os jogos e demais brinquedos são de acesso fácil às crianças.

A terceira questão proposta na entrevista sugeria às professoras que contassem brevemente a respeito da organização do espaço de suas salas de aula e o que levam em consideração na sua estruturação. Nas respostas, foi comum o fato de todas elas terem como princípio de organização o interesse das crianças. No relato da professora B, aparece com clareza a sua forma de organizar a sala de aula:

Primeiro a gente precisa ver com que faixa etária está trabalhando, a minha corresponde à turma do Pré. Então primeiro percebo os interesses que eles têm, o que eles mais gostam de brincar, o que mais gostam de desenvolver, o que mais chama atenção. Aí depois pensando nisso a gente recria esses espaços tentando atingir os interesses deles, como tem a casinha que as meninas gostam de brincar, tem a questão dos jogos onde tem jogos de encaixe de fácil acesso, tem o cantinho da leitura com os livros onde eles podem encontrar. É importante fazer uma sondagem do que eles gostam, das brincadeiras, para criar um espaço acolhedor e aconchegante em que eles consigam se desenvolver através desse espaço.

Outro ponto importante a ser destacado é o fato de que, mesmo sendo as professoras que organizam e montam os arranjos espaciais, as crianças sempre são o foco dessa estruturação. As professoras se preocupam em oferecer variedades de opções em seus arranjos e modificá-los em virtude das próprias crianças. A professora C ressalta que “[...] conforme vou vendo a turma, vou construindo através daquilo que eles demonstram gostar mais e que atrai mais”.

A professora D, por sua vez, traz em seu depoimento questões comuns, enfatizando:

O que levo em conta ao organizar minha sala é que penso que eles devem apreciar e valorizar a questão do brincar e o que eles produzem, essa é a minha preocupação. É um espaço acolhedor em que eles podem se sentir bem. Eu e as outras professoras é que montamos os espaços, baseado no interesse deles, se vejo que tem um espaço que não está atraindo eles, tentamos mudar e fazer de uma forma diferente.

A professora A relata como é sua maneira de trabalhar e como considera importante o fato de os alunos terem iniciativa em suas escolhas, dizendo:

Na sala a gente tem os cantinhos, onde eles têm acesso e podem alcançar os brinquedos que querem e que tem preferência em brincar. Quando eles chegam na sala de manhã, escolhem os brinquedos da preferência deles, aí tem os espaços que eles podem escolher, a gente não estipula 'tem que sentar aqui e pegar tal brinquedo'. Tem os cantinhos, tem as bonecas, tem a casinha, tem os carrinhos, cantinho da leitura. Mas eles podem optar pelos brinquedos e escolher para brincar com o colega..

Pode-se dizer que, nessa perspectiva, citando um termo utilizado por Gandini (1999), o ambiente em seu conjunto é visto como um “outro educador”, já que ele, juntamente com os demais professores que trabalham em sala de aula, também educa as crianças.

Baseado nesse ponto de vista, ocorreu a próxima indagação às professoras a respeito do fato de elas considerarem ou não a organização do espaço da sala de aula a partir de arranjos espaciais um fator que contribui na aprendizagem e desenvolvimento infantil. A professora C avalia:

Com certeza porque é o espaço onde eles vão interagir por si próprios e onde vão estruturar suas brincadeiras. É onde também eles vão demonstrar o que observam sobre a gente, eu percebo isso quando eles brincam no espaço onde ficam os livros: 'Ah agora sou a professora e vou contar história', eles imitam as professoras e eu penso que esses espaços são super importantes, pois é onde eles mesmos vão desenvolver o que eles irão ser, a personalidade e a identidade.

É interessante observar que não é só na referência feita, mas também nas observações que as professoras consideram as questões relativas ao espaço como parte integrante de seu trabalho docente. Por já terem inserido tais práticas em seu cotidiano, acreditam ser um elemento a favor da aprendizagem e desenvolvimento. Reforçando esse aspecto, a professora B aponta:

Os espaços são importantes na Educação Infantil por ser uma forma de as crianças terem autonomia e optarem por suas escolhas. Também tem os cantinhos que eles podem aprender, tem a questão do quebra cabeça que envolve o raciocínio, tem a questão da leitura em que eles conseguem desenvolver a linguagem de imagem e narrativa e a questão do brincar, a integração que é bem importante, pois eles estão se desenvolvendo interagindo com o outro de forma amigável.

No relato anterior, percebe-se que, na opinião da entrevistada, o espaço propicia que as diferentes linguagens sejam apresentadas e ao mesmo tempo estimulem as crianças. Isso comprova que é necessário possibilitar o contato com variadas formas de aprendizagem em que a criança tenha opção de escolha a partir da sua intenção e da sua curiosidade. Assim, a criança compreende que, desde cedo, ela também pode tomar decisões e desenvolver sua autonomia.

Nesse sentido, a professora A relata de que forma vê a importância do espaço e de sua organização com as crianças, afirmando que “[...] eles têm liberdade e é muito melhor assim, porque eles criam autonomia de poder escolher o que eles querem, de guardar, pois eles sabem que quando não querem mais brincar com determinado brinquedo devem guardá-lo antes de pegar outro”.

A professora D, por sua vez, fala da contribuição que uma sala estruturada a partir de arranjos espaciais favorece, avaliando: *“Penso que contribui e muito porque os espaços ajudam nessas questões como a do brincar, que é através dele que eles aprendem a conviver e a ser, então os espaços estimulam bastante o aprendizado das crianças e é fundamental para o desenvolvimento delas”*.

Outro aspecto que é importante ao considerar que o espaço faz parte da ação educativa diz respeito às interações dos sujeitos que convivem diariamente em sala de aula. Assim, a quinta questão proposta nas entrevistas fez referência à relação existente entre professor e aluno no espaço sala de aula. Sobre esse tema, as opiniões das entrevistadas são bastante desencontradas. Relata a professora A:

Me vejo com uma mediadora, porque a gente está mediando e ajudando eles a interagir, porque tem alguns que pegam o brinquedo e não sabem como brincar com aquele brinquedo então a gente tem que interagir e mediar. Ensinar como eles vão brincar ou ensinar o caminho, às vezes eles pegam o carrinho e querem brincar na janela, aí eu sugiro ‘vem brincar no chão, no tapete’. A gente está sempre mediando e incentivando ‘ah esse aqui tá melhor pra ti fazer isso’.

Já a professora B considera: *“Durante a rotina tem momentos em que eles têm autonomia e que eles podem escolher quais os espaços que eles querem brincar e com o que querem brincar e momentos em que é dirigido”*. Já na opinião da professora C, a interação com o grupo se baseia na proximidade e na confiança que as crianças demonstram com o adulto. No entanto, sua participação nas interações lúdicas ocorre quando parte do interesse do próprio grupo, pois a educadora ressalta:

[...] eu brinco junto com eles, eles constroem as brincadeiras e eu entro como uma ‘coadjuvante’, algumas coisas em princípio a gente coloca a maneira de como brincar, mas quem desenvolve a brincadeira são eles. Eu participo, mas eles tomam a iniciativa.

A docente D afirma: *“A professora e o aluno estão em constante troca de aprendizagem, nós ensinamos e aprendemos com eles, a relação deve ser baseada na afetividade e no respeito”*.

Pelo que foi constatado nas observações, quando as situações de aprendizagem não são dirigidas pelas professoras, as crianças podem realizar o “brincar livre”, optando pelos brinquedos que preferirem, assim como pela companhia de alguns colegas e a escolha de determinados arranjos espaciais para interagirem. A maioria das educadoras atua, nesse momento, como observadora do grupo.

Deve-se considerar que são necessários os momentos em que as crianças se apropriam e agem livremente no espaço da sala de aula, assim como cabe destacar que o professor também deve ser um “[...] organizador contínuo do ambiente, possibilitando sua atuação diretamente junto à criança como um interlocutor privilegiado” (CARVALHO; RUBIANO, 2010, p. 135). É necessário que exista um equilíbrio. As crianças podem e devem agir com liberdade em sala de aula, assim como o professor também deve participar com elas de determinadas situações, até porque há momentos em que o educador pode dar certa atenção mais individualizada à determinada criança ou ao grupo.

Portanto, cabe ao docente refletir constantemente sobre sua tarefa. Profissional

da educação, ele é quem detecta as necessidades do grupo e procura promover estímulos que incentivem os alunos em suas aprendizagens e descobertas, sendo um participante ativo no processo tanto para observar quanto para interagir com as crianças. Horn (2013) diz que o adulto, neste caso o professor, deve ser um elemento que faça a diferença em sala de aula, pois ele é mais um no grupo e não aquele que vai direcionar as ações. Seu compromisso consiste em deixar a brincadeira mais qualificada.

E, para concluir a entrevista, apresenta-se a sexta questão que tem como foco a relação existente entre alunos no espaço sala de aula. Foi possível perceber que as entrevistadas apontam pontos comuns em suas respostas. No depoimento das professoras, a educadora D afirma:

De maneira geral a relação deles é muito boa, eles se respeitam, brincam juntos e quando surge algum conflito geralmente eles falam para as professoras o que está acontecendo, dificilmente acontece agressão, é uma relação harmoniosa e tranquila.

Já a professora C diz: *“Cada um escolhe pelo seu gosto o que mais aprecia fazer, a turma é bastante dividida, eles já tem seus grupinhos próprios onde cada um vai, não tem muito conflito”*. Nota-se, nas falas apresentadas, que a questão dos conflitos é passível de solução. É um reflexo das interações entre as próprias crianças que estão acostumadas a conviverem em sala de aula de maneira autônoma, apropriando-se do espaço.

Por sua vez, a professora B destaca que: *“Esses espaços são significativos porque ajudam no desenvolvimento e com isso eles aprendem brincando, e é bem importante que se tenha esses espaços e também é um atrativo, talvez diminua um pouco os conflitos entre eles”*.

Então, os arranjos espaciais promovem as interações entre o próprio grupo. *“Eles brincam muito juntos, se estão num cantinho, geralmente vão todos no mesmo. Alguns conseguem sair e brincar isolados, mas ainda brincam muito juntos”* (PROFESSORA A).

Pode-se destacar que um espaço organizado na Educação Infantil favorece as interações e a própria convivência do grupo. Além disso, a partir de sua estruturação, é possível despertar em seus sujeitos atitudes, comportamentos e ações. Nesse espaço, a criança vive sendo a criança que é, interage com seus pares, explora a ludicidade e desenvolve a autonomia. Também professor e aluno se conhecem, aprendem juntos e fortalecem a relação de ambos, mediados por um espaço pedagógico significativo.

7 Considerações finais

Considera-se que as discussões que permeiam a infância são produtos da modernidade, sendo fundamental apontar novos rumos que suscitem desafios na busca de sentido e significado por uma Educação Infantil de qualidade. Frente a isso, as novas concepções de infância e de aprendizagem que afirmam as crianças como sujeitos atuantes de sua própria história, em casa, na escola, na sociedade e no mundo precisam nortear os processos educacionais. Entende-se que a efetivação da garantia do direito à educação para a criança não se dá apenas com a formalização desse direito com a Educação Infantil enquanto primeira etapa da Educação Básica, mas é preciso que cuidar e educar ocorram, simultaneamente, no cotidiano das escolas.

Faz-se necessário propiciar situações que façam com que a criança seja um sujeito ativo e autônomo no ambiente que lhe é destinado. Além disso, precisa-se entender que ela necessita do meio para que suas interações e formas de relacionar-se com os outros contribuam em sua aprendizagem e desenvolvimento. Assim, cabe aos professores assumirem uma nova postura em suas ações pedagógicas, a qual valoriza e respeita a criança como sujeito atuante, capaz de aprender e se desenvolver se os estímulos necessários forem colocados em prática.

Pelo que se constatou por meio da pesquisa de campo, as educadoras que participaram deste estudo já vêm realizando um trabalho que possibilita a interação da criança no espaço sala de aula, a fim de que esse possa ser reestruturado e reorganizado constantemente de acordo com os interesses do grupo.

No que se refere aos arranjos espaciais, é perceptível que todas as professoras já trabalham na perspectiva de que o espaço precisa possibilitar a livre escolha e o fácil acesso das crianças aos materiais e brinquedos que compõem a sala de aula, sendo constante a sua estruturação em função das próprias crianças e de seus interesses que estão também em constantes mudanças. A preocupação em oferecer um espaço acolhedor e alegre, que leve em consideração o lúdico e os interesses das crianças, apresenta-se como um estímulo ao desenvolvimento da autonomia. Então, da mesma forma que é importante, no planejamento das aulas, incluir momentos de situações de aprendizagens livres, é também necessário proporcionar atividades dirigidas.

Desse modo, fica claro que disponibilizar em sala de aula o contato com diversos arranjos espaciais que levem em consideração o lúdico e as interações não significa adotar um “modismo”, mas evidenciar que, a partir desses arranjos em um espaço organizado, a criança poderá avançar em suas aprendizagens e desenvolvimento. O educador, nessa perspectiva, precisa ter claro que, além do espaço e sua organização que contemplarão de forma significativa a aprendizagem infantil, ele também precisa assumir, de forma coerente, uma referência educativa que destaca a criança como sujeito de direitos, na qual ela deve ser o centro do planejamento curricular.

É importante destacar que as relações/interações revelam experiências que promovem o aprender/desenvolver infantil. Dessa forma, por meio da organização a partir de arranjos espaciais, é possível instigar e desafiar as crianças a entrarem em contato com diversas situações de conhecimento, tanto as que já fazem parte de suas vivências quanto as que passarão a compor suas estruturas de pensamento a partir dessas novas experiências.

É o conjunto de fatores que compõem o espaço (alunos, professores, interações, aprendizagens), que o caracterizam e dão vida à ação pedagógica. A partir dessa relação é que o espaço pode tornar-se significativo para os que dele fazem parte.

Neste estudo, em especial, desenvolveu-se um olhar mais delimitado à sala de aula, mas não se pode deixar de levar em consideração que todos os espaços de uma instituição infantil fazem parte do trabalho pedagógico. Assim, todo o ambiente educa, não somente a sala de aula, mas as demais dependências da escola como um todo. Espaços externos também merecem atenção, pois, com certeza, contribuem de modo significativo para a ampliação das aprendizagens no contexto da Escola Infantil.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Artigo 208. De 5 de outubro de 1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular para educação infantil*. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Mara I. Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 116-142.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281

FRABBONI, Franco. A escola infantil entre a cultura da infância e a ciência pedagógica e didática. In: ZABALZA, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 63-92.

FREIRE, Madalena. Dois olhares ao espaço-ação na pré-escola: espaço e vida. In: MORAIS, Regis de (Org.). *Sala de aula que espaço é esse?* 13. ed. Campinas: Papirus, 2000. p. 95-98.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GANDINI, Lela. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lela; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 145-158.

HORN, Maria da Graça Souza. Construindo espaços para brincar, pensar e criar na educação infantil. In: *XIV Seminário de Educação Infantil: espaços para brincar, pensar e criar na educação infantil*, 2013, Taquara: Faculdades Integradas de Taquara.

_____. *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Brinquedos e brincadeiras na educação infantil*. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12579%3Aeducacao-infantil&Itemid=859>. Acesso em: 25 jul. 2013.

MACHADO, Maria Lucia de A. Educação Infantil e sociointeracionismo. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 25-53.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lela; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

MENEGUINI, Renata; CARVALHO, Mara Campos de. *Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro*. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a17v16n2.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2013.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.